



A HERMENÊUTICA E A AUTONOMIA DO JOVEM ADVENTISTA¹

HERMENEUTICS AND AUTONOMY OF ADVENTIST YOUTH

Isaac Malheiros Meira Junior²

Resumo

Este artigo propõe-se a fazer uma análise das prováveis consequências do uso do “método texto-prova” de interpretação bíblica no desenvolvimento da espiritualidade da juventude da Igreja adventista do Sétimo Dia (IASD). O “método texto-prova” tem sido um recurso hermenêutico frequentemente utilizado para orientar bíblicamente os jovens, apesar de não ser o método oficialmente recomendado pela IASD. O artigo utilizará como parâmetro a teoria dos “Estágios da fé”, de James Fowler, cotejada com aportes de outros autores, especialmente Paulo Freire e Ellen White. Com base nesta pesquisa é possível concluir que o exemplo hermenêutico dado pela própria IASD aos seus jovens tem afetado negativamente o processo de amadurecimento do jovem adventista rumo a uma espiritualidade autônoma.

Palavras-chave: Hermenêutica adventista. Estágios da fé. Autonomia.

Abstract

This article aims to analyze the possible consequences of the use of "proof-text method" of biblical interpretation in the development of the spirituality of young Seventh-day Adventist (SDA). The "proof-text method" has been an approach often used to guide young people biblically, though not officially recommended by the SDA church. The article uses as a parameter the theory of "Stages of Faith" by James Fowler, compared with contributions from other authors. Based on this research it's possible to conclude that the example given by the SDA to their own youth on biblical interpretation has negatively affected the maturation process of young Adventist towards an autonomous spirituality.

Palavras-chave: Adventist hermeneutics. Stages of faith. Autonomy.

Considerações Iniciais

O método texto-prova (em inglês, *prooftexting*) é a técnica de comprovação de uma ideia ou prática a partir de textos bíblicos selecionados e isolados, sem profunda reflexão e sem levar em conta o gênero e o contexto histórico e literário dos textos. Geralmente, nesse

¹ Esse artigo é parte da Dissertação de Mestrado intitulada “*Dicta probantia*: análise da hermenêutica do estilo de vida do jovem adventista”, pesquisa orientada pelo Dr. Wilhelm Wachholz (EST).

² Mestre em Teologia (EST), doutorando em Teologia (EST), bolsista da CAPES. E-mail: pr_isaac@yahoo.com

método há uma seleção de passagens bíblicas convenientes para dar suporte a afirmações teológicas e doutrinárias, e tais passagens são dispostas numa lista ao final de uma sentença.³ Em termos simples, seria como atirar numa parede limpa e depois pintar o alvo em volta da marca do tiro.

Apesar de oficialmente defender o uso do *método histórico-gramatical* na interpretação da Bíblia,⁴ o *método texto-prova* ainda é largamente utilizado pelos adventistas para expor e justificar suas crenças e o seu estilo de vida.⁵ No presente artigo, o uso do *método texto-prova* será confrontado com a teoria dos *Estágios da fé*, de James Fowler. O objetivo é verificar como o uso do *método texto-prova* pode afetar a espiritualidade de adolescentes e jovens adventistas.

Para se obter uma visão mais acurada do problema e sugerir soluções mais específicas, as contribuições de Fowler serão sintetizadas especialmente, mas não exclusivamente, à luz dos aportes de Ellen White e Paulo Freire e seus conceitos de autonomia. Com base nesta pesquisa é possível concluir que o exemplo hermenêutico dado pela própria IASD aos seus jovens tem afetado negativamente o processo de amadurecimento do jovem adventista rumo a uma espiritualidade autônoma.

Ellen White claramente defende que os jovens devem progredir rumo a estágios de crescente autonomia e liberdade, bem como de responsabilidade. Dentre os objetivos gerais da educação adventista, White destaca a utilização do intelecto, o desenvolvimento do pensamento crítico e a valorização da autonomia.⁶ O desenvolvimento do senso crítico é o que produz “homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções”.⁷

³ Para uma definição mais detalhada e uma análise crítica do “método texto-prova”, ver TREIER, Daniel J. Proof text. In: VANHOZER, Kevin J. *Dictionary for Theological Interpretation of Scripture*. Grand Rapids: Baker, 2005. p. 622–624.

⁴ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Declarações da Igreja*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 179-189. Apesar do documento “Métodos de estudo da Bíblia” não identificar o método como “histórico-gramatical”, os princípios de interpretação ali expostos estão alinhados a tal método. Para uma descrição mais detalhada da abordagem adventista, ver DAVIDSON, Richard M. *Interpretação bíblica*. In: DEDEREN, Raul (Ed.). *Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 67-119.

⁵ MALHEIROS, Isaac. *Dicta probantia: uma reflexão sobre o uso de “textos-prova” na hermenêutica adventista*. *Revista Hermenêutica*. Cachoeira, BA: SALT-IAENE, 2014. Vol. 14, N. 1, p. 65-90.

⁶ SUÁREZ, Adolfo S. *Redenção, liberdade e serviço: Ellen White e o processo de construção humana*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012. p. 99.

⁷ WHITE, Ellen G. *Educação*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977. p. 17.

Os Estágios da Fé

James W. Fowler é um teólogo cristão e pesquisador da psicologia do desenvolvimento humano que estabeleceu uma teoria conhecida como “Estágios da fé”.⁸ A teoria descreve um processo evolutivo, no qual a mudança na expressão de fé de uma pessoa ocorre num movimento rumo a estágios mais amadurecidos de fé. Fowler propõe seis estágios de desenvolvimento da fé:⁹

Nesta pesquisa, a transição da fé *sintético-convencional* (estágio 3) para a fé *individualativo-reflexiva* (estágio 4) será considerada como sendo o desejado processo de amadurecimento que o jovem adventista deve vivenciar. A seguir, será feita uma análise dos estágios 2, 3 e 4, relacionando-os à utilização do “método texto-prova” com o jovem adventista. Conforme as características e necessidades de cada estágio vão se descortinando, tornar-se-ão imediatamente evidentes as virtudes ou falhas de uma abordagem bíblica baseada na seleção e isolamento de textos-prova.

Estágio 2: fé mítico-litera

Apesar de ser uma fase característica da infância, é possível que o estágio 2 seja a estrutura dominante em adolescentes e adultos.¹⁰ No estágio 2, o indivíduo faz uma *interpretação literal* dos símbolos, regras e crenças, o que pode gerar perfeccionismo e legalismo.¹¹ Tal característica pode ser favorável à utilização do *método texto-prova* e sua leitura desvinculada de contextos. No entanto, é preciso admitir que essa é uma fase de fé imatura.

O estágio 2 também caracteriza-se pela heteronomia, pois suas próprias experiências vêm de narrativas alheias, herdadas da família ou da comunidade. A fé *mítico-litera* ainda não é capaz de fazer uma reflexão autônoma e madura, e permanece dependente de conjuntos específicos de regras para moldar o comportamento moral.¹² Nessa fase, a fé ainda não admite grandes questionamentos, o que gera indivíduos quase acríticos. Isso pode ser visto como uma virtude por alguns líderes religiosos, pois é mais fácil

⁸ FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

⁹ FOWLER, 1992, p. 103-177. Pré-estágio: *Fé indiferenciada* (0 a 2 anos); Estágio 1: *Fé intuitivo-projetiva* (3 a 7 anos); Estágio 2: *Fé mítico-litera* (7 a 12 anos); Estágio 3: *Fé sintético-convencional* (12 a 18 anos); Estágio 4: *Fé individualativo-reflexiva* (18 a 25 anos); Estágio 5: *Fé conjuntiva* (meia idade); Estágio 6: *Fé universalizante* (maturidade, sem idade específica).

¹⁰ FOWLER, 1992, p. 126, 129.

¹¹ FOWLER, 1992, p. 128-129.

¹² FOWLER, 1992, p. 64-65.

lidar com jovens que não questionam muito e aceitam passivamente as respostas dadas, sem grandes perguntas.

Novamente, o *método texto-prova* apresenta-se como uma opção que favorece esse perfil, por apresentar respostas prontas em listas de textos bíblicos conectados arbitrariamente, sem necessidade de reflexão a respeito de seus significados e contextos. Mas, a respeito dessa educação que sufoca os questionamentos, Ellen White orienta que não se deve anular a “vontade própria”, nem a “individualidade” das crianças, pois correm o risco de se tornarem “deficientes em energia moral e responsabilidade como indivíduos”.¹³

Se quiser “adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”,¹⁴ a IASD precisa incentivar seus jovens a mudarem de estágio, rumo à maturidade autônoma. Incentivar o perfil do adolescente menos crítico é impedir que ele se desenvolva passando pelas crises de amadurecimento. É criar uma geração que se mostrará indefesa diante das crises, dos problemas e dúvidas que certamente surgirão.

Os jovens adventistas não podem passar à fase adulta com a mesma fé *mítico-litera*l que tinham na pré-adolescência. Se isso acontecer, a igreja será uma comunidade imatura e infantil; ou, fatalmente, esses jovens poderão amadurecer sem o acompanhamento da igreja, e, por fim, abandoná-la.

Segundo Ellen White, os danos do prolongamento de um estágio de heteronomia podem ser duradouros, pois algumas crianças se tornam incapazes de pensar, agir ou decidir por si mesmas porque foram mantidas muito tempo sob pesadas regras, “sem permissão de pensar ou agir por si mesmas naquilo em que era perfeitamente próprio que o fizessem, que não têm confiança em si mesmas, para procederem segundo seu próprio discernimento, tendo opinião própria”.¹⁵

Estágio 3: fé sintético-convencional

Segundo Fowler, no estágio 3 a identidade ainda é moldada pelos grupos dos quais ele participa.¹⁶ No entanto, a pessoa tem consciência de seus valores e imagens normativas e é capaz de articulá-los e defendê-los. Mas o seu envolvimento com tais valores é

¹³ WHITE, Ellen G. *Testemunhos seletos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 1, p. 316.

¹⁴ WHITE, 1977, p. 17.

¹⁵ WHITE, 1985, p. 316.

¹⁶ FOWLER, 1992, p. 137-138.

emocional, ela não fez desse sistema de valores um objeto de reflexão.¹⁷

Apesar da religião grupal, é preciso dizer que esse é um estágio de transição da fase heterônoma (estágio 2) para a fase autônoma (estágio 4), que gera também uma crescente crise de pertença religiosa. Essa crise decorre de sua sede de autonomia, dos novos conhecimentos científicos adquiridos, e pelo despertar da crítica da fase formal.¹⁸

A adolescência ainda é caracterizada pela tensão entre a mera repetição de antigos conceitos herdados e a apropriação de novas posturas autônomas. Em suma, apesar da influência do grupo ser uma característica desse estágio, a igreja¹⁹ não pode descansar confiadamente nisso, considerando-se um desses grupos aos quais o adolescente vai se submeter de forma definitiva.

Baseado nesse ponto, pode-se montar o seguinte cenário: o adolescente adventista questiona algumas normas comportamentais e recebe respostas com uso abundante de textos-prova. Ele percebe que há algo errado na resposta, mas não consegue descrever exatamente o que é. Assim, ele se cala, mas o seu silêncio não representa uma satisfação diante da resposta dada.

Nesse estágio, o adolescente ainda confia em autoridades e instituições. Os líderes, professores e pastores se tornam a personificação da igreja e dos defeitos da igreja. Mas os adolescentes criticam bastante as autoridades, apesar de ser uma crítica ainda sem foco definido.²⁰ Segundo Fowler, “o pensamento operacional formal pode conceber traços ideais de pessoas, comunidades ou outros estados de coisas. À luz dessas concepções ideais, pode ser idealística ou duramente julgador em relação às pessoas ou instituições reais”.²¹

Assim, quando um líder ou pastor usa o *método texto-prova* para orientar biblicamente um adolescente, as inconsistências do método podem ser percebidas pelo adolescente e gerar nele uma crítica à instituição, representada naquela situação pelo líder. E o que ocorrerá quando ele descobrir que os líderes (que personificam a instituição) estão usando um método reprovado pela própria instituição? É alto o risco de um profundo

¹⁷ FOWLER, 1992, p. 138.

¹⁸ LIBÓRIO, Luiz A.; MOTA, Antonio Raimundo Sousa. Crise religiosa juvenil na periferia do Recife (PE), Brasil. *Theologica Xaveriana*. Bogotá, Colombia, v. 62, n. 173, p. 88 (85-114), jan./jun. 2012. Disponível em: <http://scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492012000100004>. Acesso em 21/12/2014.

¹⁹ Embora se faça referência à “igreja” de forma generalizada, esta pesquisa é especificamente sobre a realidade da IASD.

²⁰ FOWLER, 1992, p. 68-69.

²¹ FOWLER, 1992, p. 130.

desapontamento com a instituição diante de tal contradição.

Para muitos, o estágio 3 é definitivo. Mas existe a possibilidade do adolescente progredir para o estágio 4. Para isso, ele deverá examinar e repensar os conceitos herdados. A abordagem bíblica baseada em textos-prova pode ser sufocante demais para um jovem em transição. O ensino da Bíblia nessa fase deve acompanhar as crescentes exigências intelectuais do indivíduo, se não, o processo de amadurecimento será comprometido.

Estágio 4: fé individualativo-reflexiva

A transição para o estágio 4 ocorre por causa dos conflitos com as fontes de autoridade valorizadas pela pessoa. O indivíduo avalia o próprio eu e os valores que orientam a sua história de vida. Neste estágio, a pessoa começa a assumir a responsabilidade por seus compromissos, estilo de vida, crenças, atitudes, bem como reconhece a complexidade da vida.

No estágio 4, emerge de maneira mais forte a capacidade de refletir criticamente sobre a própria identidade e a ideologia. Nesta fase ocorre uma desmitologização, e podem até surgir problemas, como o narcisismo e a confiança excessiva na sua mente consciente e pensamento crítico. Mas atingir o estágio 4 é um objetivo desejável do ponto de vista de Ellen White.²² Por diversas vezes e maneiras, ela defendeu a educação que promove o pensamento crítico e reflexivo:

Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador — a individualidade — faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade, são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres.²³

Para Suárez, ao defender o pensamento independente, Ellen White “tem em mente que o pensamento crítico inclui pensar para além do aceito, do estabelecido, daquilo entendido como normalidade”.²⁴ Dessa forma, os questionamentos bíblicos feitos pelos jovens podem ser um bom sinal de que o processo amadurecimento da fé está em andamento. Mas, por suas características dogmatizantes, o *método texto-prova* não favorece essa transição.

²² Para uma exposição mais aprofundada dos conceitos de autonomia e liberdade de Ellen White, bem como suas implicações na prática pedagógica, ver SUÁREZ, 2012, p. 135-165.

²³ WHITE, 1977, p. 17.

²⁴ SUÁREZ, 2012, p. 146.

O *método texto-prova* provavelmente não resistirá a essa transição justamente por apresentar contradições. Resta saber qual será a reação do jovem ao avaliar criticamente tudo o que lhe foi ensinado a respeito de seu estilo de vida e perceber contradições e inconsistências. Conseguirá superar o fato de que seus líderes utilizaram um método não recomendado pela própria instituição?

A hermenêutica e a educação para a autonomia

De acordo com a teoria de Fowler, na abordagem bíblica com o jovem adventista, a IASD está lidando com muitos indivíduos no estágio 3, cuja fé ainda tem valores tácitos, assumidos de forma implícita, e que passarão pelo crivo da crítica que faz com que a fé se torne pessoal. É uma fase de busca por uma compreensão e por uma experiência pessoal com Deus. É um tempo de espera e experimentos, e a transição rumo ao estágio 4 representará um amadurecimento rumo à autonomia e o pensamento crítico.

A IASD reconhece, fortemente baseada nos conceitos de Ellen White, que o seu objetivo com relação aos jovens não é o de torná-los meros e eficientes reprodutores das posições e discursos da instituição. Assim, livrar-se do *método texto-prova* talvez seja uma condição necessária, ainda que não seja suficiente, para promover o pensamento crítico entre os jovens.

O desafio de ensinar, por preceito e pelo exemplo, uma hermenêutica coerente com suas pressuposições e crenças é claramente um processo educativo e assim deve ser encarado. Como afirma Paulo Freire: “A educação não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.²⁵

A instrução bíblica deve envolver mais do que a simples assimilação de informações e respostas prontas. O processo de amadurecimento do jovem adventista pode ser facilitado através de atividades que promovam a curiosidade e a criticidade. Freire afirma que a passagem do estado ingênuo para a criticidade não acontece automaticamente, mas requer a intervenção da prática educativa para desenvolver a “curiosidade crítica, insatisfeita, indócil”.²⁶

Lançar mão do “*método texto-prova*” e impor listas de *dicta probantia* com

²⁵ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 104.

²⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 35-36.

respostas prontas é bem mais fácil e prático, mas pode se degenerar num processo de formatação de pessoas e de alienação. De acordo com Paulo Freire, a alienação “produz timidez, uma insegurança, frustração, um medo de correr o risco da aventura de criar, sem o qual não há criação”.²⁷

Ao sufocar iniciativas que promovam a reflexão e o pensamento crítico, a igreja²⁸ pode gerar um estado de “domesticação alienante [...] Um estado refinado de estranheza, de “autodemissão” da mente, do corpo consciente, de conformismo do indivíduo, de acomodação diante de situações consideradas fatalistamente como imutáveis”.²⁹

Essa domesticação alienante é o resultado do processo educativo “em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”.³⁰ Essa é uma descrição plenamente aplicável à hermenêutica baseada no “método texto-prova”. Não há uma reflexão aberta e franca sobre os contextos e as diversas possibilidades de interpretação. É um sistema “bancário”, no qual a instituição despeja o conteúdo a ser guardado pelos jovens em seus depósitos.

A respeito do método educacional que favoreça a autonomia nos educandos, Paulo Freire recomenda o diálogo respeitoso, não pendendo nem para o autoritarismo e nem para a licenciosidade.³¹ Assim, qualquer tipo de instrução bíblica que se caracteriza pela imposição de respostas prontas e não fomenta o diálogo e o debate não contribui para o desenvolvimento da autonomia.

A manutenção do discurso de fé *mítico-litera* (estágio 2) pode até ser útil para se desenvolver um grupo, o coletivismo, mas não possibilita o desenvolvimento da autonomia, da individualidade. Tal discurso gera nos jovens uma dependência da hierarquia eclesiástica. Em vez de autonomia, o discurso de fé *mítico-litera* leva à heteronomia, criticada por Ellen White: “Ninguém deve controlar o espírito de outro, julgar por outro, ou prescrever-lhe o dever. Deus dá a toda alma liberdade de pensar, e seguir suas próprias convicções”.³²

²⁷ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 25.

²⁸ Na citação que segue, Paulo Freire se refere à “sociedade” em geral, mas o conceito pode ser igualmente aplicado à igreja, que também é uma representação, uma amostragem da sociedade.

²⁹ FREIRE, 2000, p. 128.

³⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 59.

³¹ FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 52; FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 34; FREIRE, 2006, p. 115-118.

³² WHITE, Ellen G. *O desejado de todas as nações*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990. p. 385.

Considerações Finais

Diante da teoria de Fowler, o uso generalizado do *método texto-prova* para orientar os jovens em questões doutrinárias e de estilo de vida poderá ter algumas consequências negativas: o jovem vai continuar na imaturidade, repetindo a hermenêutica inadequada que aprendeu (se permanecer nas fases 2 e 3); ou perceberá as contradições e poderá se decepcionar, tornando-se um crítico da instituição.

No contexto adventista, é importante destacar que Ellen White incentiva um tipo de educação que forme jovens autônomos,³³ que tenham pensamento crítico e livre,³⁴ sem repetir discursos previamente estabelecidos e aceitos por outros. Aplicando de maneira sintética os conceitos de Fowler, White e Freire, pode-se dizer que “a autonomia é a busca/prática de um caminho reflexivo e não reflexo”.³⁵

O uso do *método texto-prova* representa uma opção pela via mais rápida e fácil no trato com os jovens. No entanto, é uma opção que traz consigo o risco de comprometer o desenvolvimento da fé rumo à maturidade. É um método que contradiz as diretrizes oficiais do IASD e, por isso, seu uso por parte de líderes e pastores representa uma incoerência. Além disso, o método apresenta inconsistências lógicas ao ignorar contextos e dar sentidos artificiais aos textos. Essa também é uma forma de incoerência.

Por se tratar de uma abordagem dogmática e literalista, o *método texto-prova* não está em sintonia com o processo saudável de desenvolvimento da fé, que vai se distanciando paulatinamente do literalismo infantil. E também não favorece o tipo de jovem adventista crítico, autônomo e livre que é o alvo do processo educativo defendido por Ellen White.

Referências

DAVIDSON, Richard M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, Raul (Ed.). *Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 67-119.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

³³ Ela afirma que “o espírito que confia no juízo de outrem, mais cedo ou mais tarde será por certo corrompido”. WHITE, 1977, p. 231.

³⁴ WHITE, 1977, p. 17.

³⁵ SUÁREZ, 2012, p. 146.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Declarações da Igreja*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 179-189.

LIBÓRIO, Luiz A.; MOTA, Antonio Raimundo Sousa. Crise religiosa juvenil na periferia do Recife (PE), Brasil. *Theologica Xaveriana*. Bogotá, Colombia, v. 62, n. 173, p. 88-114, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492012000100004>. Acesso em 21/12/2014.

MALHEIROS, Isaac. Dicta probantia: uma reflexão sobre o uso de “textos-prova” na hermenêutica adventista. *Revista Hermenêutica*. Cachoeira, BA: SALT-IAENE, 2014. Vol. 14, N. 1, p. 65-90.

SUÁREZ, Adolfo S. *Redenção, liberdade e serviço: Ellen White e o processo de construção humana*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012.

TREIER, Daniel J. Proof text. In: VANHOOZER, Kevin J. *Dictionary for Theological Interpretation of Scripture*. Grand Rapids: Baker, 2005. p. 622–624.

WHITE, Ellen G. *Educação*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

_____. *O desejado de todas as nações*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

_____. *Testemunhos seletos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 1..